

Em comemoração ao 40.º aniversário da Semana de Arte Moderna de São Paulo, damos aqui à estampa duas cartas de Mário de Andrade, endereçadas ao Professor Oswaldo Elias Xidieh, desta Casa.

Ao mesmo tempo que o fazemos, deixamos aqui consignados nossos melhores agradecimentos ao Prof. Xidieh, que se dispôs não só a permitir sua publicação, como ainda precedeu aquelas missivas de oportuna introdução.

1. Paulo, 8-X-44

Daraldo Elias Lichten.

Recebi sua carta e lhe respondi por interesse  
na dúvida porque você se angustia em de estar o endere-  
ço no exílio. Não eu quero nem data, será coisa  
de espírito desatizado? Se por isso é ruim, até pra  
quem "perpetra" romances. Invenções romances e ofício.  
Daraldo Elias Lichten, ofício sério e tão responsavel  
como o de Churchill ou do papa. Não sei a cidade  
de você nem sua profissão, mas se você escreve  
romance por pouco tempo, por hábito ou por  
o seu estado de espírito também pode escrever roman-  
ce, até não era nada ele porque não adianta.  
Falta até ser outra prima, não adianta. Quanto expe-  
riência de mais velho não dá, pra decidir dos livros  
primos de um mundo. Letras de pra avaliar a pra-  
tica profissional dos que pretendem se dedicar ao  
ofício de escritor. E se nem isso garante futuro, o  
apreza.

De fato sou um sujeito ocupacionista. Mas si  
você não tem urgência e pretende se dedicar ao  
romance, manda o seu. Assim que tenha um  
tempinho umido, terá até e lhe dárei sinceramente  
o que posso. Que compromisso nenhuma de você,  
está claro, em aceitar o que eu disser, como quem  
está de fora. Mas porai tudo pra lhe ensinar com  
a minha experiência a respeito.

Com a maior cordialidade de

Paulo

S. Paulo, 17, X-44

Osvaldo Elias Licitôr

Recibi sua carta e podia esperar o romance pra  
então acunar o pensamento de tudo, mas lhe escrevo por-  
que você interpreta mal palmoamente aquela omnia inter-  
rogação sobre si você fogia romance "porque o meu estado  
de cultura também pode escrever romances". E você nem  
me esclarecendo sobre as suas deficiências experiências e testes.  
Realmente faltas experiências de uma vida podem ser  
uma base muito boa de arte, desde que bem aproveitadas,  
mas sem cultura intelectual firme, se fixando nessa  
coisa que transmissor ouvidor pensa que é "talent", um  
outro defeito alguém pagar sobre que aguenta o tranco  
e atinja mesmo uma finalidade, uma finalidade  
de resalta contra as forças e os deuses da vida  
atual. Me agradou bem foi saber você professor  
de filosofia, e garante muito mais proveito do que  
saber contar como os camareiros.

Mas não se trata de vida abito não. O que eu  
quis dizer com aquela frase é que tem omnia gente  
por aí que tendo muito descanso na vida, se torna  
incrédulo romance ou passia pra tapar os buracos do  
tempo. São dilectantes apinhal e não levados por uma  
legítima vocação. São pessoas que até têm longe de  
imaginar que fazer romance seja um ofício e uma  
profissão. É exatamente o que eu queria dizer a  
você e apenas isso. Porque sua vocação e sua profes-  
sionalidade, um outro que não vale a pena escrever  
nada, não conta de seu necessário pra final. Mas se po-  
lo fim da sua carta, que você conhece mesmo es-  
crever romances e sociologia como um "trabalho", a tarefa  
da sua vida. E desde então, acredito que é um trabalho  
o interesse que procurarei apiedar você com aquilo  
que a experiência e a idade possam me dar. E se  
quiser uma primeira experiência, para como eu. Você  
me diz professor e imagino que assessor e que "ga-  
nha" a vida. E também não professor e ganhar a  
vida de um a desistidor. Mas se alguma coisa eu con-  
segue ver nessa vida foi porque fui professor e ganhar

VIDE-VERSO

o vitor nos "fases" vitor, ao passo que as regras em  
o das regras e regras "fases" nos "fases" vitor. De  
continua de vitor vitor vitor vitor. I vitor vitor  
de vitor vitor vitor vitor vitor vitor vitor vitor  
vitor vitor vitor vitor vitor vitor vitor vitor vitor  
vitor vitor.

Com a vitor vitor vitor vitor vitor vitor vitor vitor vitor

vitor vitor vitor vitor vitor vitor vitor vitor vitor

## PARA OS QUE VÃO ESCREVER ROMANCES...

Para os que vão escrever romances nestes próximos anos e, quiçá, nas muitas e muitas décadas que hão de vir, eu ofereço uma das poucas coisas boas e caras que possuo, êste grampeado de duas cartas de Mário de Andrade.

Faz muito tempo, em 1944, eu lecionava História da Música em Taquaritinga, Filosofia em Jaboticabal e nas horas vagas, após ter efetuado um balanço de possibilidades futuras, como bom brasileiro achei que devia, também, fazer romance ou poesia.

Vai daí que, por causa da História da Música, comecei a pedir a ajuda de Mário de Andrade. Depois, como todo môço que se acerca de mestres, adorando-os respeitosamente, mas cujo impulso profundo seria o de devorá-lo num piscar d'olhos, passei a azucriná-lo com a minha "produção literária". Que Deus a tenha nas profundas do esquecimento e me perdoe.

Das diversas cartas que recebi então, estas duas têm um valor excepcional, a segunda chega a ser emocionante pela presença do homem que se dá, simpateticamente, sem reservas, trazendo a alma na mão como as crianças das cantigas de roda e que na mão direita trazem uma roseira.

A primeira carta do grampeado:

São Paulo, 8-X-44  
Oswaldo Elias Xidieh

Recebi sua carta e lhe respondo por intermédio da Lúcia (\*) porque você se esqueceu de botar o enderêço no escrito. Nem enderêço nem data, será coisa de espírito desleixado? Si for, isso é ruim, até para quem "perpetra" romances. Escrever romances é ofício. Oswaldo Elias Xidieh, ofício sério e tão res-

---

(\*) Lúcia Fannelli, antiga aluna de Mário de Andrade.

ponsável como o de Churchill ou do papa. Não sei a idade de você nem sua profissão, mas si você escreveu romance por passatempo, por curiosidade, porque o seu estado de cultura **também** pode escrever romance, então não me mande êle, porque não adianta. Pode até ser obra-prima, não adianta. Minha experiência de mais velho não dá para decidir das obras-primas dê-se mundo. Apenas dá para auxiliar a prática profissional dos que pretendem se dedicar ao ofício de escritor. E si nem isso garante futuros, os apressa.

De-fato sou um sujeito ocupadíssimo. Mas si você não tem urgência e pretende se dedicar ao romance, mande o seu. Assim que tenha um tempinho unido, lerei êle e lhe direi sinceramente o que penso. Sem compromisso nenhum de você, está claro, em aceitar o que eu disser, como um veredito. Mas farei tudo pra lhe auxiliar com a minha experiência, acredite.

Com a maior cordialidade do

Mário de Andrade.

\*  
\* \* \*

E, a segunda carta:

São Paulo, 17-X-44

Oswaldo Elias Xidieh

Recebi sua carta e podia esperar o romance pra então acusar recebimento de tudo. Mas lhe escrevo porque você interpretou falsamente aquela minha interrogação sobre si você fazia romance “porque o seu estado de cultura **também** pode escrever romances”. E você vem me esclarecendo sobre as suas difíceis experiências vitais. Realmente fortes experiências dessa vida podem ser uma base muito boa de arte, desque bem aproveitadas, mas sem cultura intelectual firme, se fiando nessa coisa que brasileiro ainda pensa que é “talento”, eu acho difícil alguém fazer obra que agunte o tranco e atinja mesmo uma finalidade, uma funcionalidade de revolta contra as formas e os donos da vida atual. Me agradou bem foi saber você professor de filosofia, á garantia muito mais firme que saber cantar como os canários.

Mas não se trata nada disso não. O que eu quis dizer com aquela frase é que tem muita gente por aí que tendo muito descanso na vida, se bota escrevendo romance ou poesia pra tapar os buracos do tempo. São diletantes afinal e não levados por uma legítima vocação. São pessoas que estão longe de imaginar que fazer romance seja um ofício e uma profissão. E exatamente o que eu queria dizer era isso e apenas isso. Porque sem vocação e sem profissionalidade, eu acho que não vale a pena escrever nada, nem nota de aniversário pra jornal. Mas vejo pelo fim da sua carta, que você concebe mesmo escrever romances e sociologia como “trabalho”, a tarefa da sua vida. E dêse jeito, acredite que é com todo o interesse que procurarei ajudar você com aquilo que a experiência e a idade possam me dar. E si quiser uma primeira experiência, faça como eu. Você se diz professor e imagino que assim é que “ganha” a vida. Eu também sou professor e ganho a vida disso e derivados. Mas si alguma coisa eu consegui ser nessa vida foi porque fui professor e ganhei a vida nas “horas vagas”, ao passo que escrevi minhas coisas e nelas trabalhei nas “horas úteis”. A consciência do artista deve ser essa. O segredo do homem está em botar tanto nas horas vagas como nas úteis, a mesma paixão e a mesma honestidade.

Com a maior cordialidade

Mário de Andrade.

Essas são as duas cartas. A roseira que êle me deu na primavera, neste outono da minha vida, se não frutificou em romances ou poesia, que a coisa não era para mim, ajustou-me a uma profissão com amor e honestidade.

Oswaldo E. Xidieh.